

# A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia Minerva Vimaranesa: Rua 31 de Janeiro, 133—GUIMARÃES

## Pela vitória da República

O resultado do próximo acto eleitoral será mais uma vitória a registar no arraial republicano, mais um grandioso triunfo para a República, desde que todos os republicanos cumpram com o seu dever — recenseando-se e indo junto das urnas patentear o seu Amor à República. Da luta travada entre os republicanos — que hoje se encontram intimamente unidos — e os seus inimigos, há-de resultar — sem dúvida — um acontecimento solene para o prestígio da Pátria e dignificação do regime republicano. As façanhas aventureiras — tantas vezes repetidas desde 5 de Outubro de 1910 — têm de desaparecer para não mais se repetirem. Queremos uma República para todos aqueles que não a atraçoarem, tanto mais que está provado que todo o País — de Norte a Sul — é essencialmente republicano. Na hora presente, não são os Partidos da República a baterem-se uns contra os outros, mas são, sim, todos os republicanos de princípios a baterem-se contra os seus inimigos, constituídos por elementos heterogêneos. E quando falamos em inimigos da República não nos queremos referir somente àqueles que estão no campo oposto ao nosso — neste caso os adeptos da monarquia — mas também aos falsos republicanos, que são aqueles que se conservam na expectativa, para, oportunamente, passarem para o campo dos vitoriosos. Estes republicanos — bem mais perigosos do que os próprios monárquicos — não devem, não podem merecer a confiança de todos quantos lutam — leal e desinteressadamente — pelo ideal republicano.

E dada esta circunstância, acresce a necessidade de não mais continuarmos, nós, os republicanos que sacrificamos a nossa própria vida pela inviolabilidade da República, a ter contemplação para com todos aqueles que apenas são republicanos por conveniências, e conforme as emergências da vida política. E, por isso, a lição que há-de sair das urnas tem de ser tomada na devida consideração. Há-de ser ela — essa lição — quem há-de separar o trigo do joio. Julgamos que assim o pensará o digno e brioso Exército português, que é — na sua grande maioria — caracterizadamente republicano. E quanto ao acto eleitoral — a que acima fazemos referência — continuamos a esperar do Governo da Ditadura as medidas indispensáveis para não sermos prejudicados nos nossos direitos, que são os direitos da Democracia e da Liberdade.

Avante, pois, republicanos!  
Viva a Democracia!  
Viva a Liberdade!  
Viva a República!

(Grigri).

Republicanos, recenseai-vos. Pela Lei!

## Divagando à margem das paixões

Nós temos uma noção exacta do momento que passa. Ninguém se iluda com prenúncios descabidos. Porque a ilusão deforma e o futuro exige, em cada cabeça, um quantitativo de perfeição racional. Para além das convenções humanas, há a análise fria dos indivíduos, que não desistem — mesmo em frente das “Bastilhas”, ou fogueiras da “Inquisição”, — da esperança imorredora, certa, inabalável, de conquistar o bem universal. *O cérebro não funciona sobre a “ideia”, abstracta do “nada”, ; porisso que — quando isento das particularidades malfazejas do facinora — concebe e se imbuí de pensamentos generosos. A humanidade vem de longe labutando, na árdua tarefa da Liberdade, pela abolição absoluta e simples de todos os géneros de escravatura humana. E — é doloroso confessá-lo — o flagelo subsiste com o seu grau de civilidade (encartado na mais grosseira das hipnozes) ameaçando o porvir, e a despeito do esforço gigantesco das sangrentas jornadas de nossos avós.*

Porém — repetimos na mais sincera das convicções — ninguém se iluda com prenúncios descabidos. A vitória, tarde ou cedo, cabe sempre às falanges da Liberdade... que ilumina e glorifica os seus princípios das Democracias. Ninguém se iluda.

Mas... ninguém olvida o instinto sagrado das multidões que executam — agitadas pelo vento dum Ideal — as grandes transformações. Conceber o contrário seria, quando muito, imbecilidade ou mingua de senso comum. O Povo é que determina aos Governos as medidas a sancionar, lhes preconiza as atitudes, os incita ou os move...

Os aplaude ou os proscreeve.

Os eleva ou os derruba.

Os glorifica ou os condena.

As Democracias foram construídas a dentro deste plano. Rodam os anos e a sua magnitude é — por entre o faiscar tempestuoso de emergências várias — tudo o que era primitivamente. Nada pode demoli-las... nada (!)... nem mesmo a conjunção de todos os génios maus. E' que elas estão na alma das multidões, que — de há muito já — se vem desembaraçando da tutela ultrajante dos reis, ou dos seus representantes. Hoje não se fazem tronos; assiste-se ao desmoronar das corôas, das últimas corôas. E' nesta ordem de ideias que — e ante a reincidência petulante de alguns mal-aventurados “D. quixotes”, — se acumulam ódios entre os homens. E nós, estreitando um pouco mais os nossos “referendos”, vejamos — a exemplo do quadro — o que de ruim se vem fazendo em Portugal às intenções generosas, liberais, daqueles que em 1910 souberam marcar uma era nova na vida nacional. O que de ruim se vem fazendo desde essa hora de emancipação. Nunca a reacção capitulou. Muito ao contrário, fez uso dum imprensa de relapsos, de vozeirões que se afretavam ao insulto e ao enxovalho. E os Homens da República foram, em pleno Regime-Parlamentar, caluniados pelos inimigos, deprimidos por uma seita negra de irresponsáveis.

De torvos caceteiros.

De vêsgos curandeiros.

Mas... que resultou dum escarceu tamanho? Que ficou do amontoado de mentiras, de infâmias, de calúnias, de torpezas, de misérias, de indignidades?! Simplesmente o pó lamacento em que hão-de chafurdar viscosamente os mesquinhos. E nada mais! E nada mais!

Porque o Povo — impossível de embaír tão nesciamente — embebeu-se ainda mais na essência das Democracias... com sede, muita sede, de aspirar a fundos haustos esse licôr da alma que se chama Liberdade. E os caluniados, libertados dessa teia negregada, são ainda as mesmas figuras impolutas que merecem a confiança, absoluta e indiscutível dos cidadãos portugueses que ora se preparam para elegê-las. E' a história de todos os tempos: *quem limpo é, limpo fica*. Só não pode lavar-se o que vive deturpando, sistemática e afrontosamente, os actos que devia imitar para dignificar-se.

E' que — após cem milhões de dificuldades, de subtilezas, de embustes, de sofismas — a mais pequena verdade é ainda tudo o que era. Há velhos erros condenados a desaparecer. Para que opôr barreiras ao curso dos factos, se estes são incontíveis? — Consegue-se esta miséria: irritar o espirito — já de si em sobressalto — das camadas populares.

Que são arreigadamente liberais, profunda e indubitável e ardorosamente liberais. Há disso sobejas provas. Eis porque dizemos aos mais scépticos em matéria política: — *ninguém se iluda com prenúncios descabidos*.

A verdade é só uma!

H. BELÉM.

## Luto aliviado

O corêto do jardim público, há anos de luto pesado, devido ao infausto acontecimento de lhe terem raptado a sua querida e adorada Dama, vestiu-se, no domingo p. p., de trajes de *meia gala*, satisfazendo, assim, a uma deliberação da nossa Edilidade, que não devemos considerar desacertada. Pelo menos, recordamos tempos antigos — os tempos do progresso da nossa terra!

Resta, agora, que as moribundas lamparinas que se encontram

no referido jardim sejam substituídas. E depois disto, depois de desaparecer a sombra triste da noite, depois da luz mortuária das lamparinas se transformar em uma luz clara e scintilante, o luto daquele formoso largo da cidade desaparecerá por completo, e, então, o corêto apresentar-se-há ao público com as suas vestes de Gala.

Que nos diz a isto a Edilidade Vimaranesa?

Que nos diz também acerca do teatro?

Gostariamos de saber o que pensa a tal respeito.

## Vida operária

Afim de dar cumprimento ao Decreto n.º 19.694, de 5 de Maio último, reünuiu, na sua sede, a *Federação das Associações Operárias*, para levar a efeito o disposto no n.º 2 do art.º 2.º.

Depois de devidamente explicadas as vantagens que advêm ao operariado em geral, foi por unanimidade resolvido tódas as Associações de Classe procederem, de per-si, ao recenseamento, conforme o mesmo Decreto ordena, nos termos da Lei Eleitoral em vigor.

## Sem comentários...

Recortamos de «O Primeiro de Janeiro», de 24 do corrente — e a quando das festas de Vila-Real — as declarações que o Sr. Ministro do Interior fez na capital transmontana:

«As suas primeiras saudações foram para o povo desta terra, que ainda hoje tão bem soube manifestar o seu entusiasmo pela obra da ditadura e pelo Chefe do Estado, que representa, no mais alto grau, a alma sacrossanta da Pátria. Aludindo à colocação do Regimento de Infantaria 13 em Vila-Real, afirmou que muito trabalhou para isso, juntamente com o seu colega da Guerra. Disse, depois, que a palavra política representa a ordem na desordem, o equilíbrio das finanças e o desenvolvimento da riqueza nacional, abençoada seja ela! Aludiu à obra municipalista, que só por si bastaria para justificar o movimento do 28 de Maio, e referiu-se à União Nacional, organização civil absolutamente necessária, composta por todos os portugueses, quer sejam da esquerda, da direita e do centro».

Como da assistência irrompessem vivas à República, o ministro prosseguiu dizendo ser republicano, mas não aceita lições de republicanismo. As frentes únicas só têm um fim — hostilizar a ditadura, como se a União Nacional não fosse um partido republicano. Não podemos, disse, deixar de considerar como inimigas essas frentes únicas. O que procuramos é uma normalidade dentro da ditadura, vindo para as eleições dentro da finalidade dessa mesma ditadura e não para nos entregarmos a quem quer que seja, o que seria uma cobardia e vergonhosa abdicação. Iremos para a normalidade, procurando uma fórmula jurídica, mas sem quebrar a continuidade da ditadura. Entre os amigos e os inimigos estão os indiferentes, que representam um grande peso morto. São os que têm medo do dia de amanhã, mas não se inquietam com isso, porque o dia de amanhã será o que o Governo disser. Depois da vitória da Madeira, que só serviu para ainda mais estreitar a união entre o Exército e a Marinha, só os ingénios poderiam acreditar que nos entregaríamos aos inimigos da Pátria e da República. E terminou o seu discurso, saudando o povo de Vila-Real e bebendo por todos os transmontanos».

(O grifado é nosso).

## Nota oficiosa do Directório da Aliança Republicano-Socialista

«Tendo o general sr. Norton de Matos proposto e insistido que a presidência do Directório da Aliança Republicano-Socialista não tivesse carácter de permanência, resolveu o Directório que ela fôsse exercida por rotação entre o proponente e os vogais srs. drs. Azevedo e Silva e Belo de Moraes e bem assim os srs. drs. Duarte Leite e António Luís Gomes, logo que tomarem assento no Directório».

— O Directório resolveu constituir uma comissão de propaganda doutrinária da ideologia comum da Aliança Republicano-Socialista, para fazer parte da qual vão ser convidadas diversas individualidades em destaque no mundo político republicano e socialista.

— Tomou ontem posse do seu lugar no Directório o sr. dr. Belo de Moraes.

(Da «República», de 23 do corrente).

## Os meus instantâneos

x

## «Salada de pimentos»

Eureka! — Há chinfrim (sem melindre para a excelente banda que ali toca) aos domingos à tarde, no velho corêto do jardim público. A hora é ainda recatada (coincide com o jantar da maioria dos vimaranenses) em virtude do meio-luto do palácio sonoro. As Associações apresentam ao Município — creio que em embaixada — a necessidade de aplicar o dinheiro da música em «pão de pobres». E' um conflito que se debate entre a aristocracia e o povo. Porque não se usa antes um gramofone (?) e se não contratam duas dúzias de «papos-secos» para o «flirt»?

Há tanta gentinha desempregada...

\*

Numa mulher não se bate... nem com uma flor. — Então porque é que cinco das ditas foram maltratadas em Zarauz (San Sebastian)?

Ai vem já o Nemo a atirar-se à Maçonaria! — Querem vêr?!

Pois foi apenas por isto: é que as tais senhoras e muitas mais — movidas de santa ira contra as novas Instituições — andavam na colheita de assinaturas, ao fundo duma «representação» difamatória das *actuais circunstâncias políticas, etc.*

Mas lá isso não importa. O pior é que, de envolta com o espalhato, compeliavam crianças de oito anos a assinar o papel.

Para fingir opiniões... e dizer ao mundo que o Afonso XIII fugiu por delicadeza... que tinha muitos votos e votos, etc. O que êle teve... foram botas... e bem encebadas.

De resto, tudo acabou com misericórdia e «môlho à mayonesa». Ainda bem.

\*

E aquela de Esporões?! Tomaram nota? O noivo tinha 60 feitos e ela já passava dos 45.

Um casal de rôlas!

...E vai daí, os rapazes lá da aldeia (são muito selvagens êstes rapazes das aldeias do norte!) fizeram um salsifré noturno à porta dos angélicos nubentes.

Houve atentados à moral; mas interveio a autoridade que repôs tudo no sêo.

Tudo parecia pacificado lá na aldeia. Mas os engraçados rapazes lá da aldeia — segundo narra o cronista — fizeram uma sortida na madrugada imediata. Os noivos foram surpreendidos no seu amoroso sono. Ora o macho — ferido nos seus brios — foi à porta ameaçador e...

...«Gramou» com uma ameixa cônica em pleno peito. Caiu prostrado e foi para o hospital.

E os rapazes para o aljube. Estão incomunicáveis.

Triste noivado... ou noivado serôdio!

Parece-me que os rapazes não andaram na «Escola sem Deus».

Que trágicas núpcias! E' preciso manter as tradições, êstes costumes regionais, êstes mimos aldeãos! Estes rapazes...

\*

A «Gazeta de Torres» diz que é preciso defender a República.

E refere-se àquele documento integralista (transcrevendo-o) que foi encontrado em 31 de Maio no Estadium do Lumiar, em Lisboa. Documento que era endereçado a L. Costa, Rua Morais Soares, Lisboa, não tendo número de porta.

O leitor já sabe que documento é. Veio — transcrito do «Comércio do Pôrto» — inserto no «Primeiro de Janeiro», de 19 do corrente.

Dou carradas de razão ao meu querido e brilhante colega. Por-

que o que mais preocupa o meu espírito é ser o tal documento publicado nos referidos diários a pedido do gabinete do sr. Ministro do Interior. Se bem que a seguir ao arazoado (dizem-no apócrifo) se formula um desmentido. Porque êstes cavalheiros da «causa chôcha» mentem. Há em vista que — ainda quente o cadáver do Dr. Sidónio Pais — fizeram a traição de 1919, usando os mesmos meios capciosos.

Como podemos nós acreditar na sinceridade dêstes integralistas, que até — para nos confundir — se dizem Republicanos?!

Não. E' um pômo demasiado áspero para ser engulido. Os integralistas, com todos os «pequitos e ameais» pertencem à «causa chôcha» e a República aos Republicanos.

\*

«Belgrado, 19 — Foi esta manhã executado um espão, recentemente condenado à morte. A execução teve lugar no pátio da cadeia, onde foi levantada uma fôrca. — (H.)»

Como vêem, é o prémio de todos os que se dedicam ao triste ofício. Nem só a formosa Mata-Hari, a cuja escandalosa formosura não foi insensível o célebre Gomez Carrillo, fez espionagem. Essa pagou o seu tributo à justiça dos Aliados. Mas, quanta serpente oculta, venenosa, corrosiva, confundida nas pregas da noite!

E se os da «Inquisição» tornassem ao mundo — sem disfarce, claro está! — tinham de ser enforcados. Foram todos espões, a começar por S. Domingos de Gusmão. E os Jesuítas, a começar por Santo Inácio de Loyola.

Esta é que é a verdade. E agora — armando um bocado à lágrima serena — vejamos: quanta dor, quanto luto, quanta orfandade, por causa dessa lepra de gente!

Agora... limpemos as lágrimas. Segundo se depreende do telegrama captado pelas antenas dos vizinhos, ainda há quem faz uso dêsse mister.

Triste é dizê-lo, mas... é verdade. A história não basta para ensinar certos miolos... certos miolos fritos.

Só a fôrca consegue penetrá-los da essência das coisas. Mas têm geralmente um lindo enterro...

E se morrem à sexta-feira!...

\*

Pancadaria de mil em pipa!

Foi em Madrid. No bairro Tetuan. No teatro Vitória. A acção Nacional (refiro-me a Espanha) à mistura com católicos e monárquicos, reuniu-se em comício — naquela casa pública — para verberar os temas da religião e da família, etc. e coisas...

Os oradores fremiam acaloradamente, capitosamente.

E a audição regougava, em grande parte, pilhéricos apupos aos fantoches do palco. Era uma coisa a que todos emprestavam o melhor do seu talento, a graça mais fina do seu espírito. Parecia uma banda de «zês-p'reiras».

Após o amistoso conflito, o cerimonioso desconchavo, tudo saiu da tourada...

E então é que foram elas!

Os oradores, à falta de flores, receberam pedras de alguns grupos — sumamente edificadas pelo acontecido — que em seguida lhes chegaram a roupa ao pelo, os apalparam no intuito de expressar-lhes a sua enorme simpatia.

Há quem chame aquilo uma sova mestra. Eu, porém, melhor informado pelos «rádios» e «trans-rádios», sei o que se pretendia era aumentar aqueles santos varões; dobrá-los... se possível fôsse. E sabem como?! — Partindo em dois cada um dos ditos.

Mas a guarda é que não deixou proceder a esta operação cirúr-

gica. Foi pena. Se lá fôsse o Pequito Rebelo, a coisa corria de outra forma. Havia bordoadas em outro estilo.

\*

A fechar:

O professor ao aluno: — como se forma o plural dos substantivos?

— Aumentando um «s» ao...  
— Não diga tolices! — brada o mestre. Forma-se acrescentando um zero ao singular. Ora ouviu?!

.....

Hein?!

Ricardo de S. Gil.

«A Velha Guarda, é o jornal do Povo. Lêde-a e fazei-a circular.»

## Heroína e mártir

Já lá vai um século!

E o pregão ressoa formidando nos quatro quantos do planeta... em todos as mais reconditos lugares do mundo liberal, em que há corações de mulher para sentir e amar. E' uma história simples a que «A Velha Guarda» não pode furtar-se, porque está na ordem do dia. Todos os jornais Republicanos devem focar o episódio triste de Mariana Pineda, a formosa heroína que soube morrer por um Ideal-Maior. O gesto dessa mulher varonil vale um poema e constitui — na sua comovente simplicidade — um alto exemplo de abnegação feminina.

Republicanos, decoraí o nome de Marta Pineda!

Reinava em Espanha o tórvo Fernando VII, o régio farrapo humano que arrancou ao grande Blasco Ibañez algumas das suas mais contundentes frases. Decorria, como é sabido, o primeiro quartel do século findo. E já então havia naquele grande país quem muito amava a Liberdade.

A Espanha agitava-se indignada perante os desmandos e atropêlos da côrte, que tudo recalçava, inclusivê a honra dos cidadãos. Depois, avolumavam-se então as ideias de 89, mais e mais apetecidas com o lampejar apaixonado do Romantismo, que nascia auspiciosamente. Foi neste ambiente que alguns homens de Espanha ousaram perfilhar as generosas doutrinas do século, esboçando um movimento revolucionário.

Urgia pôr cõbro à corrupção palaciana daquêle avô de Afonso XIII, ao «mari-magnum» da Espanha tirânica, da Espanha dos Bourbons. Mas imperava ali a reacção mais negra, polvilhada de agoirentos corvos, de sotainas indiscretos e vampiros notívagos. E o movimento falhou, arastando consigo — ao precipício — um punhado de valentes.

E' aqui que a história nos revela o nome de Mariana Pineda, espírito de sacrifício que ornamenta, em quadro de honra, a galeria das nossas heroínas. Vejamos o que ela fêz. Esta senhora achou-se envolvida na rêde da revolução por haver bordado unicamente a bandeira da República, símbolo da pátria que sonhava. Prêsa pelos esbirros de Fernando VII — e sob a pesada suspeita de ser familiar dos iniciados no movimento — foi flagelada com a ameaça do cadafalso para denunciar os segredos da conjura. Mas ela — relanceando olhares de piedade sobre os míseros que a oprimiam — resistiu ao atentado de captação.

— Matem-me, mas não me submeto — clamou sem exitar um segundo. E um padre — farejando a prêsa com *crístã paternidade*, tão peculiar aos homens do seu ofício — procurou saber no confessional a *prova-crime* da infeliz senhora; e, conhecedor de

que Mariana Pineda bordara o estandarte, foi buscá-lo onde estava oculto. Ora, valendo-se da sua qualidade de sacerdote, entrou em casa da infeliz... deixando lá o objecto condenatório. Depois foi avisar, os esbirros do rei tirano, do pretensio achado. O resto pertenceu à *justiça* que em Maio de 1931 a assassinou com tôda a pompa de execução oficial. Mariana Pineda foi uma mártir da Liberdade. Nova e formosa, foi um exemplo de rara honestidade. Já viúva, era mãe de três filhos... três pequeninos sêres que não puderam tocar o coração empedernido daquele padre rancoroso, daquela justiça ignóbil, daquele rei desnaturado. Nada os comoveu! Mas o padre foi hediondo... porque os padres desconhecem o amor de pai e não adivinham o que há de tão sublime num coração de mãe...

Não lhe roeu a alma o sacrificio de tanta juventude, a imolação de tanta formosura! Nem a orfandade dos pequeninos...

Fernando VII foi tocado de remorsos...

.....  
Granada elevou um monumento a essa mulher sublime. O sopê de tão cívica consagração junca-se de flôres brancas ou rosadas como a aurora, frêscas como os lábios de seus filhos pequeninos. Bem haja Maria Pineda!

Galan e Hernandez, Férrer e tantos outros, tiveram uma grande precursora. Como não há-de frutificar o ideal da Liberdade em terras de Espanha?!

X. X. X.

## S. João a braços com as raparigas

As festas populares são de todo encantadoras. Nunca é demais dedicar duas linhas ao santo «rapioqueiro» o orago mais familiar das moçoilas minhotas. O que não se nos antolha de sobejo fácil é descobrir, através dos prados ou das moitas, o tão enrarecido trêvo de quatro fôlhas. Ali, na Penha, fez-se uma noite intensa de folguêdo e é possível que — entre as sombras dos penêdos ou a penumbra das encostas — se haja procurado sôfregamente a preciosa planta. Não fômos à Penha. Mas dizem-nos que a noite esteve fria, o que levou — certamente — os romeiros da serra à procura incessante do famoso trêvo. O frio pode gelar tudo, menos os corações da juventude que — tornejando os vários sitios do lugar — de ordinário se embrenharam no bosque, embora hirsuto e baixo da montanha.

Este S. João esteve frio. Mas nós admiramos imensô o S. João calmoso, quente, insuportável. Porque é mais fluente a lira dos cantadores, mais apetecida a verve espevitada, afunilada e doce, das raparigas cantadeiras. A's vezes, apodera-se de nós a mania de fazer versos. E o S. João já a-miude nos há espicaçado o apetite de lhe fazer quadras com redondilha maior. Temos aqui à mão estas três que dispensamos:

O trono de S. João é oiro de boa liga, feito de espigas de trigo e beijos de rapariga.

Fiz ao Santo uma cascata que era linda entre as mais belas... passaram moças aos bandos, S. João fugiu com elas.

S. João tem um moísho de velas muito enfunadas... do pano faz as cantigas, da farinha as orvalhadas.

Ora viram?! São de há dois anos. Agora, só nos falta encontrar o trêvo de quatro fôlhas. Mas fica para o ano que vêm. E se não fôr na Penha, será na Pisca ou outra parte qualquer.

Agua-Verde.

## Assuntos de Instrução

m

## Exames de 1.º e 2.º grau

Convencemo-nos finalmente de que não é ainda no final dêste ano lectivo que se realizam os exames do 1.º grau de ensino primário elementar.

Positivamente que na alta repartição do ensino primário pontificam funcionários que não morrem de amôres por êste exame, julgando-o preparação escolar insufficiente para excluir o portador do certificado de aprovação do número dos analfabetos.

E, por isso, a suspensão de execução em que os amortalharam em Junho do ano lectivo findo não foi levantada, não logrando ainda êste ano provar com um documento formal a sua habilitação literária, os milhares de alunos que frequentaram a 3.ª classe tanto no ensino oficial, como particular ou doméstico.

E' uma opinião respeitável sem dúvida, mas que desharmoniza da que inspirou o decreto que proíbe a emigração a quem não junte na respectiva documentação da sua idoneidade para emigrar o certificado de aprovação num exame que verse sôbre as disciplinas incluídas no programa da 3.ª classe do ensino primário elementar.

Nós jámais simpatizamos com o exibicionismo dos exames já no 1.º, já no 2.º grau; defendemos sempre que êsses exames deveriam existir simplesmente para os alunos do ensino particular e doméstico, sendo o professor oficial competente para certificar a habilitação dos seus alunos.

Bastava para isso que Inspectores e Inspeções Escolares pudessem ser o que já de há mais de 30 anos deveriam de ser: respectivamente, sabedores e orientadores e feitas por periodos curtos e sobretudo nos últimos mêses do ano lectivo.

\*

Pode dizer-se que estamos em vésperas da realização dos exames do 2.º grau.

Vão decorrer sob as mesmas disposições que regularam os do ano transacto, isto é, as do Decreto n.º 18.413.

E' de admitir a hipótese de que os júris sejam constituídos por professores da cidade, ainda mesmo que seja necessário constituir um terceiro júri.

Dando o Decreto referido preferência ao pessoal docente da sede do concelho, pois que trabalha gratuitamente, já os proponentes de alunos não esperam encontrar critérios nem bitolas diferentes.

Julgamos poder afirmar que se procedeu em Julho de 1931 em qualquer dos júris com correcção e justiça.

Consola-nos esta afirmação.

25-6-931.

BABINO.

Este número foi visado pela comissão de censura

## Na Penha

Estiveram, no passado domingo, alguns jornalistas do quadro do nosso brilhante colega «O Primeiro de Janeiro», que daqui seguiram às Caldas das Taipas, onde foram de visita ao seu illustre director e nosso querido amigo sr. Jorge de Abreu.

O tempo chuvoso não permitiu que, no cimo daquela formosa montanha, realizassem o projectado almoço ao ar livre; sabemos porém, que foram radiantes de contentamento, pelo magnífico panorama que dali se disfruta.

Os Professores e alunos da Escola Industrial e Comercial prestam homenagem ao seu Director

Como já noticiamos, foi no dia 19 do corrente que, na nossa Escola de Ensino Técnico, se realizou a festa de despedida ao ilustre director e professor d'este Estabelecimento de Ensino, senhor Abel Cardoso, que, a seu pedido, foi colocado em uma Escola da capital.

Foi uma festa simples, mas altamente significativa, por que foi uma demonstração de muita estima e veneração que colegas e alunos têm por tão distinto professor e Artista.

Como professor mais antigo, falou, em nome de todo o ilustrado corpo docente, o professor senhor Dr. Fernando Gilberto Pereira, que enalteceu as excelsas qualidades do homenageado, qualidades que sempre se revelaram no desempenho das suas funções, quer como professor, quer como Director, motivo porque conquistou a maior simpatia por parte dos seus colegas e alunos.

Referiu-se também ao amor que sempre dedicou à sua Escola, conseguindo para ela vários melhoramentos, de entre os quais se destaca a montagem da oficina de tecelagem, ultimamente inaugurada. Fez muitas outras considerações, terminando por afirmar que era com grande saudade que os seus colegas o viam abandonar o seu lugar de Director e professor desta Escola, que, a contento de todos, tão proficientemente desempenhava.

Em seguida, o presidente da Direcção dos alunos, senhor Angelo Pinto Coelho de Simões, leu uma cativante mensagem, subscrita por todos os alunos, e contida em uma rica e artistica Pasta, confeccionada por um aluno da Escola, o senhor António Malheiro Rodrigues. É um primoroso trabalho, que muito honra o seu autor, e bem assim o Estabelecimento onde tem bebido o nectar da Instrução Técnica Profissional.

Usou também da palavra o aluno do 4.º ano do Curso Commercial, senhor Silvino Malheiro Rodrigues, que, depois de dirigir algumas palavras de profunda saudade ao seu ilustre Director, convidou o filho do homenageado, senhor Abel Cardoso, ex-aluno da Escola, a descerrar o retrato do Grande Mestre e do exímio Artista — homenagem tributada pelos seus alunos.

Este acto foi acompanhado de uma delirante ovação, que se prolongou durante alguns minutos.

O antigo aluno, senhor António Novais, que igualmente se associou a esta festa, leu um interessante discurso.

Finalmente, levantou-se o homenageado, e, em palavras repassadas do maior sentimento e do mais sentido reconhecimento, dirigiu-se, em primeiro lugar, aos seus colegas, agradecendo-lhes a homenagem que lhe acabavam de prestar e a leal e valiosa cooperação que sempre encontrou em todos, dizendo que é com o coração retalhado de saudade que deixa a camaradagem tão prestimosa e tão sincera dos seus ilustres e muito distintos colegas.

Dirigindo-se aos alunos, agradeceu-lhes, da mesma forma, a homenagem que, juntamente com os seus queridos professores, lhe tributaram.

Pela aluna mademoiselle Freitas, foi-lhe oferecido um lindo ramo de flores naturais.

**Doentes**

Têm estado levemente incomodados os nossos brilhantes correligionários e ilustres Homens Públicos, Ex.ºs Srs. Drs. Domingos Pereira e Nuno Simões.

«A Velha Guarda» faz votos pelas melhoras de S. Ex.ºs.

**Aspectos sociais**

Está plenamente provado que o momento que passa é de inquietante expectativa.

A humanidade debate-se em convulsões tão agitadas e tão desconcertantes, que as grandes capacidades mostram-se impotentes para as atenuar.

Os trabalhadores, na sua ânsia de pão e liberdade, procuram a todo o transe alcançar o fim, transpondo todos os obstáculos que lhes surjem no caminho; vivendo durante muitos séculos subjugados por uma opressão tirânica, eles procuram, com denodo, libertar-se do férreo jugo que os traz acorrentados a velhas leis.

Por seu lado, o capitalismo, tenta entravar a aspiração dos trabalhadores, servindo-se de todos os meios que estejam ao seu alcance para lho obstar.

\*

Contam-se, actualmente, às dezenas de milhões, os braços sem trabalho dispersos por todo o mundo, e com tendências a aumentar, dada a difficilissima situação monetária criada aos diversos grandes e pequenos estados.

Mas, qual será a causa d'este grande mal!?

Há um factor (e já nestas columnas o apontei) que para ela tem contribuído poderosamente, e que foi obrado pelas altas camadas, com o intuito de entravar a marcha da evolução social que vai sacudindo o universo: — o **retraimento do capital!**

Sim — porque só assim se pode justificar a crise formidável que assola o mundo.

Se aqueles que tem amontoadas colossais fortunas quisessem debelar o mal de que a humanidade enferma, se da parte deles houvesse um pouco de sentimento humano, bastava, para isso, que pusessem em circulação uma parte do seu oiro.

Porém, não o fazem! E, até pelo contrario, regosijam-se com o ambiente de miséria que criaram aos trabalhadores, gozando imensamente com a sua desdita. Julgam eles, — loucos! — que estagando o capital obrigariam os operários a voltar ao regimen de tirania que durante muitos séculos suportaram.

Mas, assim vendo, é censurável e insensato tal proceder, porque ao tentarem suster, dessa forma, a marcha lenta, normal, da emancipação dos povos, precipitam-na, aceleram-na.

A fome não tem lei!...

Será, pois, muito humano e muito prudente, que aqueles que se julgam senhores do mundo não imolem mais vítimas, porque, fazendo-o, a humanidade terá, forçosamente, de assistir a um formidável embate em que serão protagonistas a fome e desespero de uns, contra a ambição e a maldade de outros.

J. Gualberto de Freitas.  
Operário gráfico.

**«O Meraldo de Oleiros»**

Este nosso brilhante camarada referiu se, ultimamente, à «Velha Guarda», em termos de véras cativantes.

Agradecidos.

**Contribuições**

Durante o próximo mês de Julho estará em pagamento, na Tesouraria da Fazenda Pública, a contribuição predial e o imposto sobre aplicação de capitais, do ano de 1930-1931 (grupo A. B. C.) e a contribuição de empregados por conta de outrem e profissões liberais, do ano de 1931-1932.

**A decantada questão do teatro**

Refiniu há dias a Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães, presidindo o sr. A. L. de Carvalho, secretariado pelos srs. Domingos Martins Fernandes e José de Pina.

Aberta a sessão, falou o sr. A. L. de Carvalho, que fez largas considerações sobre a necessidade de ser remodelado o velho teatro D. Afonso Henriques, adaptando-se a uma casa de espectáculos digna da laboriosa cidade de Guimarães.

Sobre a clara e minuciosa exposição, feita pelo sr. A. L. de Carvalho, falou o sr. José Pina.

Por fim, o sr. presidente propôs para que fôsse nomeada uma comissão, composta dos srs. José Pinto Teixeira de Abreu, Domingos Martins Fernandes e de um representante da Sociedade de D. e P. de Guimarães, tendo por principal objectivo estudar as condições jurídicas do teatro. Esta proposta foi aprovada por unanimidade.

A reunião terminou com calorosas saudações áqueles que se tem interessado por este tão importante e necessário melhoramento.

**Bola ou rêde?**

Eis a questão. Para respondermos condignamente ao sr. J. M., diremos — assim muito à pressa — que optamos pela rêde. É mais humano e poupa nos ao triste espectáculo de vêr os pobres animais a debater-se em convulsões horríveis.

Mas, se é de todo impossivel evitar a «mésinha», só vemos um processo de (com um pouco mais de crueldade destruidora) fazer-se humanidade: é reforçar a dose, é fulminar os bichinhos.

Para não sofrerem.

— Não acha, sr. J. M.? A culpa é do Município, por não ter arranjado o respectivo canil. Mas não podemos atirar com tudo para as costas da Edilidade. Afinal nem tudo lembra. Depois... acresce que a rêde podia e devia ser aproveitada para o fim em causa. Porque a verdade é que a Policia (ou lá quem deve ser!) está sempre vaga. E o serviço era um «instantinho»...

**Aviso**

Pela Inspeção Técnica das Indústrias e Comércio Agrícolas foi solicitado ao Ex.º Administrador do Concelho para chamar a atenção dos industriais de padaria, existentes neste concelho, para o disposto no art. 2.º e seu único § do Decreto n.º 19.836, de 4 do corrente mês, que diz que, a partir de 1 de Julho próximo futuro, os bilhetes de identidade a que se refere o art. 15.º do Decreto n.º 18.820 serão válidos por anos económicos e o seu custo será de 10\$00.

Nesta conformidade todos os bilhetes em poder do pessoal das padarias carecem de ser renovados a requerimento dos industriais, para cada empregado, indicando o nome e funções que desempenha no estabelecimento e fazendo-se acompanhar de 10\$00 e de duas fotografias iguais.

A falta do bilhete de identidade, a partir da data acima citada, será punida com a multa de 50\$00 pela primeira vez e de 100\$00 em caso de reincidência.

**V. Ex.º**

só encontra um bom sortido de MEIAS em todas as qualidades, camisas, popelines, gravatas, chapéus, sombrinhas, luvas, malinhas, bordados e rendas, artigos de bordar, calçado de verão, na CAMISARIA MARTINS, a CASA DAS MEIAS.

**O Cardeal Segura...**

Não se segurou bem, porque foi apanhado em flagrante e conduzido à fronteira.

Estes cardeais têm uma mania dos diabos! O papa arreda-os da politica, mas eles obstinam-se em desobedecer-lhe. Anda-lhes na massa do sangue e... — quando menos o esperam — dá fiasco. Os exemplos não lhes prodigalizam ensino. Nem fascistas nem demagogos. Sempre o mesmo ódio tórvo às democracias. Lá como cá. O sangue (a gente nem sabe se também é azul) ferve-lhes. Só estão bem ao lado da fôrça, da tirania, dos poderosos.

E nós — em presença de tanta reincidência — iam os concluir (se não incorressemos no desagrado de sua santidade) que os cardeais têm de Roma instruções especiais e secretas para esse fim. Quem sabe!

**Casamento**

Realizou-se há dias, na capela de N. S. do Carmo da Penha, o do nosso estimado amigo e correligionário sr. Ermano Borges Nogueira, benquista negociante na cidade do Pôrto, com a nossa gentil patricia Ex.ª Sr.ª D. Emilia de Oliveira Meira, filha do saudoso comerciante sr. José de Oliveira Meira.

Findo o religioso acto, foi servido aos convidados um delicioso copo de água, seguindo os noivos para Lisboa, em viagem de núpcias.

**Na madrugada do S. João**

Somos informados de que na madrugada do S. João, na Penha, se deram umas scenas desagradáveis, entre o povo e a Guarda Republicana, do que resultou serem presos e enviados a juízo, diversos rapazes desta cidade. Dizem-nos que o vinho não foi estranho ao caso.

Vamos indagar minuciosamente, para depois podermos falar.

**Excursão de Estudo**

Chegaram aqui, no sábado, os alunos do Instituto Commercial e Industrial, da cidade do Pôrto, visitando a Sociedade Martins Sarmento, Museu Alberto Sampaio, Castelo de Guimarães, Penha e algumas fabricas.

Igualmente visitaram o Centro Republicano de Guimarães.

A comemoração das «Bodas de Prata» das «Festas Gualterianas». Importante reunião

Um grupo de vimaraneses, devotos amigos da sua terra, desejando vê-la cada vez mais engrandecida, propôs-se realizar, este ano, com invulgar luzimento, a comemoração das «Bodas de Prata» das tradicionais «Festas Gualterianas».

Esses briosos rapazes cheios de vida e de entusiasmo, tiveram no sábado, a sua primeira reunião, no salão nobre da Associação Commercial, à qual assistiram muitissimas pessoas, predominando sempre a nota do verdadeiro entusiasmo.

Trocaram-se impressões sobre a maneira de efectivar essas importantes festas que, há poucos anos, se limitavam única e exclusivamente às feiras francas de S. Gualter.

Esboçou-se o programa que se comporá de números interessantes, entre os quais a sempre notável e soberba «Marcha Milanesa» e «Batalha de Flôres».

Estes dois números hão-de, certamente, chamar a Guimarães, nos dias festivos, milhares de visitantes.

Tratou-se, seguidamente, das diferentes comissões a cargo das quais fica a realização de alguns numeros das festas.

Ei-las:  
Comissão das festas: — Dr. João de Oliveira Bastos, João Dias Pinto de Castro, Rodrigo Fernandes Abreu, Luis Gonzaga de Carvalho, Joaquim Laranjeiro dos Reis, Antonio Dias Pinto de Castro, Dr. Adelino Ribeiro Jorge, João Pinto de Figueiredo, Torcato Mendes Simões, Alberto Gomes Alves, Francisco Ribeiro de Castro, Eduardo Pereira dos Santos, Manuel Fernandes de Castro, Reinaldo Roriz, Anibal Dias Pereira, Abilio Ribeiro, Capitão Duarte Fraga, João Ribeiro Dias Júnior, João Serafim da Silva Ribeiro, Aurélio Barros Martins, José Jorge e Benjamim Pereira dos Santos.  
Comissão da Marcha Milanesa: — A Associação de Classe dos Empregados do Comércio.  
Comissão da Batalha de Flôres: — Dr. Américo Durão, António do Amaral Pinto de Freitas, José Pinto de Almeida, José Faria Martins, Joaquim Alberto Cesar e Domingos Cunha Mendes.  
Comissão de Propaganda: — Jerónimo Ribeiro da Costa Sampaio, Antonio Dias Pinto de Castro e João de Deus Pereira.

A Comissão das Festas tem a colaboração da Associação Commercial e Industrial, ficando a seu cargo a realização das Feiras.

**Falecimento**

Faleceu na passada quinta-feira, nesta cidade, o ilustre médico cirúrgico Ex.º Sr. Dr. Joaquim José de Meira, antigo professor aposentado da Escola Industrial «Francisco de Holanda».

A sua familia, «A Velha Guarda» apresenta o seu cartão de condolências.

**De luto**

Pelo falecimento de seu cunhado, encontra-se o nosso prezado amigo e correligionário, sr. Egídio Martins dos Santos, antigo vereador da Câmara Municipal do Pôrto.



**Walpamur Company, Ltd.**

**DARWEN INGLATERRA**

**A mais conhecida e maior Fábrica das Tintas-Esmaltes-Vernizes**

Estas conhecidas e reputadas tintas podem lavar-se, depois de applicadas, sem qualquer receio, pois são garantidas e os seus efeitos de reconhecida segurança, tanto no interior dos prédios, como no exterior.

Em Guimarães, já foram applicadas em dos quartos do Hotel da Penha, e no Porto e em Lisboa, não tem número as casas que applicaram estas tintas. Quem applica uma vez estas tintas, nunca mais quer as applicações banais de cal, gesso com cola e outras drogas, que além de ficarem caras, não dão os resultados desejados.

Depósito no Porto **A. C. Pais Teixeira Largo dos Loyos, 15**

Em Guimarães (por especial fineza) presta os esclarecimentos necessários, apresentando os mostrários, etc. **Joaquim Mendes Guimarães Rua de Alcobaça, 57**

# O melhor café é o d'A BRAZILEIRA

Torrefacção primorosa  
Todos os dias moído electricamente

DEPOSITÁRIOS:

Francisco Joaq.<sup>m</sup> de Freitas & Genro70-TOURAL-73  
GUIMARÃES

## FABRICA DE PENTES DO RIBEIRINHO

FORNECEDORA DOS PRINCIPAIS  
ARMAZENS EXPORTADORES  
TELEFONE N.º 128  
GUIMARÃES — Portugal

## CASA DAS GRAVATAS

DIAS & CARVALHO, L.<sup>DA</sup>  
CHAPELARIA,  
CAMISARIA E  
GRAVATARIA.  
43 — Rua da República — 47  
TELEFONE N.º 188  
GUIMARÃES

## CARLOS DE LEMOS

(MARCA 54)  
FABRICA DE CUTELARIAS  
MIRADOURO — GUIMARÃES  
Cutelarias em aço fino das  
melhores procedências

## PADARIA ALMEIDA

DE  
José Mendes Guimarães  
Rua Elias Garcia, 63  
GUIMARÃES  
Cereais e Farinhas

# PHILIPS RADIO

OS MELHORES RECEPTORES

Representantes:

BERNARDINO JORDÃO, FILHOS & C.<sup>A</sup>  
GUIMARÃES

TELEFONE 22

## Grande Armazem de Exportação

DE  
Augusto Mendes  
Rua de Gil Vicente  
GUIMARÃES  
Calçado,  
Cutelarias  
e Pentes

## CASA DE SANTA TERESINHA

RUA DA REPÚBLICA, 122  
GUIMARÃES  
Papeleria e Livraria  
Artigos Religiosos e  
Objectos de escritório

## Pasta dentifrica CORALIA

Sendo quimicamente neutra é a  
única que dá aos dentes a  
côr natural do marfim.  
Telefone, 73  
Vende-se em tôdas as farmácias e  
perfumarias.

## CASA HIGH-LIFE, Filial

de Benjamim de Matos & C.a, L.da  
Tourel — GUIMARÃES  
Telefone, 64  
O seu intento é, com os preços e qualidades de  
todos os artigos que vendem, convencer o público  
de que se esforçam o máximo para lhe fornecer  
artigos bons e garantidos por preços razoáveis.  
SECÇÃO DE MODAS.

## Antiga Casa Patricio

DE  
José Fernandes Martins  
Praça D. Afonso Henriques  
GUIMARÃES  
Pão de Ló de Margaride (de Leonor  
Rosa da Silva).  
Especialidade em artigos  
de mercearia fina.

## A. J. Ferreira da Cunha

Praça D. Afonso Henriques  
GUIMARÃES  
Sortido completo em ferragens  
finas e para usos industriais.

## Papeleria Central

Telefone, 149  
Praça D. Afonso Henriques  
GUIMARÃES  
Artigos fotográficos.  
Única casa da especialidade.

## Armazem de Mercearia

por junto e a retalho  
DE  
Francisco Lopes Martins  
Rua de Gil Vicente — GUIMARÃES  
Depósito de telha Marselha  
e tubos de grés. Telefone, 101

## GRANDE HOTEL DO TOURAL

TELEFONE N.º 74

O maior, o mais central e o mais  
bem frequentado e confortável.  
Serviço de mesa primoroso  
para dieticos e não dieticos.

## PENSÃO DE GUIMARÃES

DE JOAQUIM DA SILVA  
19, Travessa de Camões, 21 — GUIMARÃES

Almoços a 8\$00. Jantares a 10\$00.  
Diárias de 14\$00 a 25\$00.  
Quartos excelentes e cozinha á por-  
tuguesa. Iluminação eléctrica.

## João do Couto Salgado

CHAMADAS — Telefone, 222  
Mudou o seu escritório de  
solicitador para  
a Rua 31 de Janeiro, 111  
GUIMARÃES

## Fábrica de Guarda-sois e Chapéus

DE  
FARIA & FERNANDES, L.da  
51, Largo Prior do Crato, 54 — GUIMARÃES  
49, Praça D. Afonso Henriques, 50 (Filial)  
Telefone n.º 89  
Agentes oficiais dos pneus FIRESTONE  
Representantes do capacho IDEAL

## Oficina de Serralheria

DE  
SEBASTIÃO MENDES  
Rua de Vila Verde — GUIMARÃES  
Encarrega-se da manufactura de toda a obra que  
diz respeito á sua arte, tais como: Portais para  
quintas, cozinhas de ferro, ramadas, etc., etc., etc.  
Especialidade em alicates, torqueras, fechaduras e pedrezes.

## Leite & Figueiredo

Materiais para construções  
Cal, tintas, vernizes, tubos  
de grés e telha de Marselha.  
Largo da Condessa do Junca! — GUIMARÃES

## GARREIRAS DE CAMIONETE ENTRE GUIMARÃES E PORTO

Escritório:  
Casa Almério Ferra  
Tourel — Guimarães

## António Ferra, Filho

Largo D. Afonso Henriques  
GUIMARÃES  
Completo sortido em ferragens finas  
e artigos de menage.  
Escritório de Camionetes para o Pôrto

## JOSÉ MENDES GUIMARÃES

R. de Gil Vicente, 71 — GUIMARÃES  
Depósito da excelente palha tri-  
lhada em fardos, bancas de  
lousa para barreiros, oleados  
e carvão de coke para cosinha.

## Braga & Carvalho, Limitada

Praça de D. Af. Henriques — Guimarães  
TELEFONE, 78  
ARMAZEM DE MERCEARIA FINA  
e Escritório das Camionetes para  
Braga e Pôrto.

## CASA IDEAL

DE Joaquim Leite Monteiro  
Rua 31 de Janeiro n.ºs 28 e 30  
Telefone n.º 181  
Encarrega-se de concertos em tôdas as  
Máquinas de escrever (qualquer marca).  
Serviços garantidos. — Preços módicos.  
Agente das Máquinas Smith e Corôna.

## L. D'OLIVEIRA & C.<sup>a</sup>

Rua da República  
(Junto ao Banco do Minho)  
GUIMARÃES  
Completo sortido em tabacos  
nacionais e estrangeiros.  
LIVRARIA E PAPELARIA.  
VALORES SELADOS.

## Sapataria Elegante

DE  
Artur d'Oliveira Sequeira  
Largo Prior do Crato  
GUIMARÃES  
Especialidade  
em  
calçado fino e concertos

## MANUEL MACHADO

Miradouro — Guimarães  
Marca 53 (Registada)  
Fabrico de cutelarias.  
O melhor no género.  
Acabamento garantido.

## Joaquim Ribeiro Moura

(Marca 35)  
Pisca — GUIMARÃES  
Telefone n.º 187  
Fábrica de Cutelarias e Tecidos  
Premiada nas várias exposições a que tem concorrido.  
A título de experiência, aconselha-se  
uma visita a esta acreditada casa.

## FOTO - BELEZA

DE MANUEL ALVES MACHADO  
Rua 31 de Janeiro, 97 — GUIMARÃES  
GALERIA DE ARTE Telefone n.º 216  
Executa com a máxima perfeição amplia-  
ções em todos os tamanhos.  
Acabamentos em trabalhos de amadores e  
todos os serviços concernentes a esta arte.

Marca da Fábrica

SILVA MARCA  
5  
GUIMARÃES  
Registada  
Endereço telegráfico:  
SILVA 5-Guimarães

## FÁBRICA DE CUTELARIAS: SILVA MARCA-5

A MELHOR DE PORTUGAL  
Fundada em 1882  
Premiada em tôdas as exposições a que tem concorrido  
José Francisco da Silva, Filho & Genro  
MIRADOURO — GUIMARÃES